

100 DE

aos dezesseis

ilustrações **linoca souza**

EM S

annelise heurtier

tradução **andréia manfrin alves**

Suplemento do professor

elaborado por **Andréia Manfrin**



 Editora
do Brasil


FAROL

Por que é importante conhecermos histórias de outros países, que aconteceram em décadas anteriores à nossa? Essa pergunta é amplamente respondida pela leitura de *Aos dezesseis*. Escrito por uma autora francesa, que se debruçou sobre a história dos “nove de Little Rock”, o livro apresenta a narrativa paralela de duas estudantes estadunidenses prestes a completar dezesseis anos: Grace, uma jovem branca, cobiçada e muito popular no Liceu Central de Little Rock, e Molly, uma jovem negra prestes a participar do plano de integração de alunos negros no liceu de brancos, após chegar ao fim uma lei de segregação que perdurou por 80 anos. O cruzamento dessas duas histórias, os dois pontos de vista e as consequências de uma escolha que se pretendia igualitária, são acontecimentos que mantêm o leitor atento a cada mínimo detalhe da narrativa, e certamente o faz refletir sobre quem somos hoje, em 2020, no Brasil, diante de fatos que ainda se repetem, apesar de toda a nossa evolução. Uma leitura mais do que fundamental para a formação do jovem leitor. Impossível ficar indiferente a ela.

sugestões de atividades

1. Nos anos 1950...

Por ser um livro que trata de questões culturais estadunidenses e de uma realidade temporal diferente da nossa – os anos 1950 –, sugerimos que você converse com os alunos sobre o que eles conhecem dessa época e do país em questão, no que diz respeito ao racismo, à igualdade racial, aos hábitos de adolescentes da faixa etária deles na época, à cultura (músicas, filmes, cantores e afins) etc. Se for possível, inclusive, você pode sugerir uma pesquisa em grupos sobre essas questões, a fim de ambientá-los melhor antes de propor qualquer atividade diretamente relacionada à leitura do livro.

Em seguida, propomos que você convide os alunos a fazerem uma leitura coletiva do prefácio. *Aos dezesseis* trata abertamente de questões raciais e traz à tona fatos e opiniões que podem nos chocar e, sobretudo, levantar discussões delicadas sobre preconceito e racismo. Por isso, é importante que você conduza todo o processo com muito cuidado, e que informe os alunos, desde o começo, que o racismo é crime inafiançável no Brasil, para que eles entendam como essa questão é latente e ainda atual, a ponto de ser necessário recorrer a leis quando, na verdade, isso nunca deveria ter existido. A leitura do prefácio é importante, pois contextualiza a história e já revela, de início, que o livro vai tratar questões delicadas e



doídas. A formação social e intelectual de alunos dessa faixa etária é crucial para que eles possam ser responsáveis pela construção de uma sociedade cada vez menos preconceituosa e cada vez mais empática, que é justamente o que o livro propõe.

Em seguida, convide os alunos a falarem a respeito do título do livro: *Aos dezesseis*. A que eles acreditam que o título remete? O que acontece na vida de uma jovem adolescente aos 16 anos? Há algum fato semelhante no Brasil? Se sim, ele está associado a essa mesma idade? É possível que eles encontrem essa informação durante a pesquisa inicial que fizeram sobre aspectos culturais norte-americanos dos anos 1950. Se isso não acontecer, e após as suposições deles, explique que os 16 anos das adolescentes dos Estados Unidos correspondem aos nossos 15 anos, que é a idade da debutante. Você pode também perguntar como eles (sobretudo as meninas) encaram essa data hoje em dia.

Agora é o momento de partir para a leitura do livro. Sugerimos que ela seja feita individualmente, e você pode, se achar interessante, sugerir blocos de leitura e fazer discussões a cada final de bloco, a fim de acompanhar as impressões dos alunos conforme a leitura avança. Ao concluírem a atividade, convide-os a compartilhar suas opiniões com a turma: que sentimentos a história despertou neles? Como se sentem imaginando que a escola onde estudam poderia adotar tal comportamento? Como eles acham que evoluímos socialmente desde então? Que medidas sociais eles conhecem que foram adotadas para que não haja qualquer tipo de discriminação racial em nossa sociedade? O que aconteceria, hoje, com pessoas que fazem com negros o que as personagens do livro fizeram? etc. Sugerimos que o trabalho desenvolvido a partir da leitura do livro, se possível, seja feito em parceria com o professor de História, que poderá ajudar os alunos na contextualização.

No Brasil, há o que se chama de racismo estrutural, ou seja, os negros não têm as mesmas oportunidades que os brancos porque já nascem socialmente desprivilegiados devido à cor de sua pele e por uma complexa estruturação da sociedade, herdada da época da colonização. O vídeo “O que é racismo estrutural? Desenhando” (disponível em <www.youtube.com/watch?v=Ia3NrSoTSXk>). Acesso em 1º julho de 2020) é bastante elucidativo e pode ser apresentado aos alunos, se houver equipamento adequado para isso. Se não for possível assistir ao vídeo, você pode trazer essas informações iniciais aos alunos e, a partir delas, pedir para que façam uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto e construir uma linha do tempo que indique as medidas que foram tomadas para buscar minimamente corrigir a situação, como o caso das cotas mencionado no vídeo. Essa linha pode ficar exposta na sala para ser consultada sempre que necessário.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF69LP01**, **EF69LP13**, **EF69LP44**, **EF69LP46**, **EF69LP49** e **EF89LP33**.



2. Para onde você olha?

Um aspecto importante da narrativa de *Aos dezesseis* está atrelado ao caminhar de Molly e de Grace. Enquanto esta é ativa, está sempre com a coluna ereta para demonstrar confiança e usa seu olhar como forma de seduzir quem lhe interessa e constranger quem lhe incomoda, aquela está sempre cabisbaixa e evita cruzar os olhos de pessoas que têm a cor da pele mais clara que a sua, para não sofrer qualquer punição por isso. Esse contraste, tão latente e tão doloroso, revela uma realidade paradoxal: o mesmo olhar, pungente de uma, é o que fere a outra. Por isso, sugerimos que você escolha dois capítulos da história, um de Grace e um de Molly, e os explore com os alunos desse ponto de vista. Como sugestão, você pode usar os capítulos de **Molly** da página 92 e o de **Grace** da página 100, mas fique à vontade para escolher outros que considere mais adequados. Convide, preferencialmente, duas alunas mulheres para lerem cada um dos capítulos e peça aos alunos que fiquem atentos aos aspectos ligados à postura, ao olhar, à forma como as duas personagens são descritas quando estão na presença de outras pessoas. O que elas têm de diferente? Por que essa diferença existe? O que ela revela sobre o comportamento das personagens, e também das pessoas com quem elas interagem? Em seguida, convide os alunos a fazer um exercício de auto-observação. Peça que eles observem, por alguns dias, a forma como caminham, como olham para as pessoas com quem conversam, como lidam com seus interlocutores etc. Depois eles podem fazer a experiência de não olhar nos olhos de alguém ao conversar, ou ter que baixar a cabeça ao passar pelo caminho de outras pessoas: Como eles se sentem? Que efeito isso causa neles? Isso é uma forma de experimentar o exercício da empatia, ainda que de modo bastante preliminar.



Explorar os detalhes de construção da narrativa, além de ser importante para discutir os aspectos temáticos da história, também é relevante para chamar a atenção dos alunos para a forma de construção do próprio texto. Há muitas formas de descrever uma pessoa ou um personagem, e a escolha feita pelo autor é fundamental para acompanharmos o que ele decidiu priorizar e como isso dialoga com a intenção do texto.

Por isso, depois da conversa, você pode propor aos alunos um exercício de construção de personagens a partir de sua descrição. Se preferir, organize-os em duplas ou trios e, juntos, eles devem escolher uma pessoa que conhecem em comum (não precisa, necessariamente, ser alguém da turma), observá-la com atenção e descrevê-la usando uma linguagem literária, de modo que os leitores de seus textos sejam capazes de construir essa imagem mentalmente, sem necessariamente conhecer fisicamente essa pessoa. Ao final, peça que eles leiam o texto para a turma e que todos troquem suas impressões sobre o que lhes chamou mais a atenção. Você pode provocá-los com perguntas como: Essa pessoa lhes parece confiante ou insegura? Ela é tímida ou extrovertida? Como ela lida com o ambiente escolar? Ela está à vontade em suas relações sociais etc.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF69LP13**, **EF69LP44**, **EF69LP47** e **EF69LP51**.



3. Querida Grace, ou melhor, querida Molly

O que o livro propõe, entrelaçando as narrativas de duas adolescentes, uma branca e uma negra, é revelar o abismo que pode existir entre elas, quando uma, devido à cor da sua pele, tem seu direito, que deveria ser garantido, cerceado, e por isso não pode se preocupar com questões próprias da sua idade, como as paqueras, o baile de fim de ano, a popularidade. Em vez disso, tem de enfrentar questões muito profundas e lidar com elas com resignação, pois percebe, desde cedo, a importância de sua luta para que outros como ela possam ter seu direito assegurado e respeitado. Então, depois de concluída a leitura, convide os alunos a fazer o exercício de se colocar no lugar de Molly e imaginar como se sentiriam diante de tudo o que ela teve de enfrentar: a humilhação no mercadinho do bairro, o afastamento dos amigos mais próximos, a agressão física e verbal dos brancos da sociedade, o medo constante por sua família, a dificuldade de se concentrar nos estudos por medo de uma agressão física no meio da aula. São muitos os exemplos mencionados pelo livro, que ilustram como o preconceito é violento em sua totalidade. Por isso, é importante que os alunos se coloquem no lugar de quem sofre esse tipo de preconceito, para que percebam a gravidade dessas situações e como elas podem, efetivamente, fazer mal a quem as sofre.

Depois de feito esse exercício inicial, convide os alunos a reler a carta que Molly escreve para Grace, para lhe agradecer por sua postura, ainda que ela tenha sofrido as consequências por isso. Em seguida, proponha que eles assumam o papel de interlocutores de Molly e escrevam uma carta para ela. Depois de conhecer sua história, tudo o que ela enfrentou, seus princípios, sua resignação, o que eles lhe diriam? Que perguntas fariam? Teriam algum conselho, agradecimento ou consideração sobre suas escolhas?

Ao final, se os alunos se sentirem à vontade, pode ser importante compartilhar essas cartas com a turma, seja em uma roda de leitura ou em um painel onde todos os textos possam ficar expostos a fim de serem consultados por toda a turma. Além da exploração do gênero epistolar, essa proposta tem o objetivo de convidá-los a refletir sobre a postura de Molly e, mais uma vez, terem a oportunidade de lidar com a empatia.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: [EF69LP56](#), [EF89LP35](#) e [EF09LP04](#).



4. Quem são as Mollys que nos representam ainda hoje?

Como mencionado anteriormente, a questão histórica de nosso país precisa ser muito bem embasada e por isso é interessante fazer este trabalho em parceria com o professor de História, se possível, para que ele possa ser ainda mais completo e significativo. Há muitas questões envolvidas, que são importantes de serem respondidas, como por exemplo: Para quê e para quem serve o racismo? Ele tem uma função social e econômica? De quando data a questão da soberania do branco sobre o negro? Entre muitas outras, que podem ser debatidas conforme sua escolha.

Essas questões podem servir como base para o trabalho de um aspecto que segue muito debatido por sua relevância é a questão da representatividade, tão importante para a nossa formação política, social e emocional. Por isso, é importante aproveitar a história do livro para falar desse tema. Organize os alunos em grupos de 3 ou 4 alunos e proponha que cada um pesquise sobre mulheres negras brasileiras, que foram ou ainda são importantes em suas funções. Vamos sugerir alguns nomes e é importante que essa lista fique em aberto para que os alunos possam trazer pessoas que eles mesmos conhecem e consideram importantes por sua relevância e representatividade. Algumas sugestões: Djamila Ribeiro (filósofa), Dandara dos Palmares (líder feminista contra o sistema escravocrata), Conceição Evaristo (escritora), Maria Carolina de Jesus (escritora), Ruth de Souza (atriz), Elza Soares (cantora), Maria Firmina dos Reis (escritora), Marielle Franco (política), entre muitas outras. O Brasil ainda é um país que lida com questões fortes de racismo e misoginia diariamente, por isso, conhecer a

relevância destas e de tantas outras mulheres que são parte importante das conquistas sociais, políticas e culturais é importante em nossa sociedade é importante não somente pela representatividade, como para que cada vez mais suas histórias apontem para a importância de que todos tenham os mesmos direitos e as mesmas oportunidades, sejam quais forem suas origens. Nessa pesquisa, os alunos devem buscar informações sobre a relevância dessas mulheres dentro de suas áreas de atuação e também o contexto histórico e social em que viveram, e que faz suas conquistas terem ainda mais destaque. Você pode propor a apresentação de um seminário ou, se houver os recursos necessários, a criação de um *podcast*, a ser divulgado para toda a comunidade, em que essas histórias sejam narradas e difundidas, para serem sempre lembradas e valorizadas.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: [EF69LP06](#), [EF69LP32](#), [EF69LP38](#) e [EF69LP41](#).



sugestões para o professor

Por meio das atividades sugeridas neste suplemento, pretendemos auxiliar você a abordar o livro e o assunto em sala de aula. Contudo, este trabalho não deve ser limitado. A seguir, algumas indicações de conteúdo para ajudá-lo a expandir as discussões.

A vida e a história de Madam C. J. Walker. Dir.: DeMane Davis Kasi Lemmons, 2020. Série televisiva. Classificação indicativa: 16 anos.

Histórias cruzadas. Dir.: Tate Taylor, EUA, 2011. 146 min. Classificação indicativa: 12 anos.

PLANO de aula – identidade negra e racismo. Disponível em <https://www.geledes.org.br/plano-de-aula-identidade-negra-e-racismo/>. Acesso em maio 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

